



**Obra publicada pela
Universidade Federal de Pelotas**

Reitor: Prof. Dr. Antonio Cesar
Gonçalves Borges
Vice-Reitor: Prof. Dr. Manoel Luiz
Brenner de Moraes

Pró-Reitor de Extensão e Cultura: Prof. Dr. Luiz Ernani
Gonçalves Ávila
Pró-Reitora de Graduação: Prof. Dra. Eliana Póvoas Brito
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação: Prof. Dr.
Manoel de Souza Maia
Pró-Reitor Administrativo: Eng. Francisco Carlos Gomes
Luzzardi
Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento: Prof. Ms.
Élio Paulo Zonta
Pró-Reitor de Recursos Humanos: Admin. Roberta
Trierweiler
Pró-Reitor de Infra-Estrutura: Mario Renato Cardoso
Amaral
Pró-Reitora de Assistência Estudantil: Assistente Social
Carmen de Fátima de Mattos do Nascimento
Diretor da Editora e Gráfica Universitária: Prof. Dr.
Volmar Geraldo da Silva Nunes
Gerência Operacional: Carlos Gilberto Costa da Silva

CONSELHO EDITORIAL

Profa. Dra. Carla Rodrigues | Prof. Dr. Carlos Eduardo
Wayne Nogueira | Profa. Dra. Cristina Maria Rosa | Prof.
Dr. José Estevan Gaya | Profa. Dra. Flavia Fontana
Fernandes | Prof. Dr. Luiz Alberto Brettas | Profa. Dra.
Francisca Ferreira Michelin | Prof. Dr. Vitor Hugo Borba
Manzke | Profa. Dra. Luciane Prado Kantoroski | Prof.
Dr. Volmar Geraldo da Silva Nunes | Profa. Dra. Vera
Lucia Bobrowsky | Prof. Dr. William Silva Barros

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS

Diretor: Prof. Dr. Sidney Gonçalves Vieira
Vice-Diretora: Profa. Dra. Lorena Almeida Gill

NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA

Coordenadora:

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Membros do NDH:

Profª Dra. Beatriz Ana Loner

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Paulo Ricardo Pezat

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Técnico Administrativo:

Paulo Luiz Crizel Koschier

HISTÓRIA EM REVISTA – Publicação do Núcleo de
Documentação Histórica

Comissão Editorial:

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Profª Dra. Beatriz Ana Loner

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Paulo Ricardo Pezat

Conselho Editorial:

Profª Dra. Helga I. Landgraf Piccolo (UFRGS)

Prof. Dr. René Gertz (UFRGS) (PUCRS)

Prof. Ms. Mario Osorio Magalhães (UFPEL)
Prof. Dr. Temístocles A. C. Cezar (UFRGS)
Profª. Dra. Beatriz Teixeira Weber (UFSM)
Profª. Dra. Maria Cecília V. e Cruz (UFBA)
Prof. Dr. Marcelo Badaró Mattos (UFF)
Profª. Dra. Joan Bak (Univ. Richmond – USA)
Prof. PhD Pablo Alejandro Pozzi (Universidad de Buenos
Aires).
Prof. Tommaso Detti (Università Degli Studi di Siena)

Editor: Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Editoração e Capa: Paulo Luiz Crizel Koschier

Editora e Gráfica Universitária

R Lobo da Costa, 447 – Pelotas, RS – CEP 96010-150 |
Fone/fax: (53)3227 8411
e-mail: editora@ufpel.edu.br

Impresso no Brasil

Edição: 2011-2012

ISSN – 1516-2095

Dados de catalogação na fonte:

Aydê Andrade de Oliveira - CRB - 10/864

História em Revista / publicação do Núcleo de
Documentação Histórica. Instituto de
Ciências Humanas. Universidade Federal de
Pelotas. v.17-18, (dez. 2011 dez 2012). –
Pelotas: Editora da UFPel, 2011.
1v.

Anual
ISSN 1516-2095

1. História - Periódicos. I. Núcleo de
Documentação Histórica. Instituto de Ciências
Humanas. Universidade Federal de Pelotas.

CDD 930.005

**Indexada pela base de dados Worldcat
Online Computer Library Center**

**PEDE-SE PERMUTA
WE ASK FOR EXCHANGE**

UFPel/NDH/Instituto de Ciências Humanas

Rua Cel. Alberto Rosa, 154
Pelotas/RS - CEP: 96010-770
Caixa Postal 354
Fone: (53) 3284 – 5523 (r. 204)

<http://www.ufpel.edu.br/ich/ndh>
e-mail: ndh.ufpel@gmail.com

OLHAR A HISTÓRIA: A IMAGEM DE UM BEIJO, 1945

Maria Socorro Soares dos Santos*

Resumo: O presente trabalho objetiva analisar a imagem e suas representações simbólicas da fotografia intitulada “O Beijo” do realizado pelo fotógrafo Victor Jorgesen, em 14 de agosto de 1945 em New York. Pergunta-se como esse fragmento visual de um acontecimento logra evidenciar a competência testemunhal da fotografia, corroborando o enunciado de “olho da história”. Deseja-se pensar porque essa imagem pode fazer recordar o que não foi vivido pela maioria, configurando-se como um documento e como um dispositivo da memória. Olhar a história por meio da imagem de um beijo, tradução de uma comunhão, íntima, porém pública, e ousada.

Constantemente recebemos informações através dos nossos sentidos. Algumas memorizamos outras não, ou seja, tais informações passam por um processo de seleção antes da formação da nossa memória. Elas não são gravadas de forma definitiva, e são mais sensíveis a alterações e acréscimos logo após o momento de aquisição. Essa aquisição de memória dá-se pelo aprendizado por meio das experiências. As informações memorizadas não se constituem em registro isolado.

A conceituação de memória está sendo discutida amplamente pelas Ciências, como: a Neurociência, a Psicologia, a História, a Sociologia, a Filosofia e entre outras. Em termos gerais, a noção de memória remete tanto aos mecanismos de acumulação, conservação, atualização e reconhecimento de uma lembrança, quanto aos processos de compartilhamento sociais (Ferreira, 2010, p.102).

Na Grécia Antiga a personificação da Memória era a Mnemósine, a qual tinha o dom de presidir a função poética das Musas. A atividade do poeta era dirigida para o passado que gerou conseqüências no presente. My'thos, designação do ato da fala, revela, re-atualiza aquilo que se passou na origem dos tempos. Para Rosário (2002), recordar no contexto mítico

* Universidade Federal de Pelotas. Mestranda em Memória Social e Patrimônio Cultural/ICH. Bolsista Capes. E-mail: helpclio@hotmail.com.

significa resgatar um momento originário e torná-lo eterno. Assim como, o papel da memória é fazer reaparecer as coisas que depois desaparecem. A memória nos faz lembrar quem somos e o que nos faz querer ir a algum lugar.

Tudo que se vive está em você, mesmo que não se tenha acesso, o passado permanece no plano do inconsciente. Ou seja, a memória sobrevive como um todo, segundo Bergson (s/d). Todas as experiências ficam registradas na memória pura, sem influência do presente, pois ela é virtual e ilimitada. Assim, o passado sempre está presente. E o presente, comprimido entre o passado e o futuro, consiste na consciência do corpo. *“Meu presente é, por essência, sensório-motor”*(S/D, p.114). A memória opera para que haja o reconhecimento nas imagens-lembranças.

Esse estatuto espiritual da percepção dado por Bergson (s/d), é relativizado pela teoria psicossocial de Halbwachs. Enquanto o primeiro considerava que a conservação espiritual do passado não sofria interferência do fenômeno social, o segundo, sociólogo, diz que o social altera a percepção, a consciência e a memória, o social prevalece sobre o individual. Para esse, a pessoa não se lembra sozinha e cada consciência teria o poder de se colocar como um ponto de vista do coletivo. Assim, torna-se necessária a lembrança dos outros para confirmar e legitimar suas próprias memórias. Tal relação entre memória individual e memória coletiva, proposta por Halbwachs vem despertando outras abordagens e considerações.

Para Joel Candau esta concepção de memória coletiva é abstrata, pois as mesmas representações de um grupo não são divididas perfeitamente por todos os seus participantes, mesmo que estes tenham vivenciado a mesma experiência. A memória coletiva supõe de um compartilhamento, mas não quer dizer que todos compartilham de igual forma. (Candau, 2001, p. 28). Cada indivíduo recupera o passado de maneira pessoal.

A todos os sujeitos ou à coletividade é atribuída a capacidade de fazer memória. Paul Ricoeur utiliza-se da fenomenologia da memória que se inscreve na participação de sujeitos capazes de designar a si mesmos como sendo autores dos seus próprios atos. O autor não aborda a memória individual e coletiva como fenômenos dicotômicos, ele procura uma zona intermediária de referência, na qual operam as trocas entre elas. Porém, isso não resolve essa problemática da memória. A memória

coletiva se vincula com a idéia de uma função social da memória e que são evocadas por meio de instâncias sociais, como: festas, museus, mídia...

A partir dessa discussão sobre memória, buscaremos analisar a imagem e suas representações simbólicas da fotografia intitulada “O Beijo” realizado pelo fotógrafo Victor Jorgesen, em 14 de agosto de 1945 em New York. Pergunta-se como esse fragmento visual de um acontecimento logra evidenciar a competência testemunhal da fotografia, corroborando o enunciado de “olho da história”. Deseja-se pensar por que essa imagem pode fazer recordar o que não foi vivido pela maioria, configurando-se como documento e como um dispositivo da memória.

A fotografia: um testemunho

Era fim de tarde do dia 14 de agosto na avenida Times Square, parte da população comemorava fervorosamente a alegria do retorno dos soldados para casa e o fim de uma guerra. Naquela ocasião ocorria a rendição do Japão no final da Segunda Guerra Mundial. Em meio a esse fervor, o fotógrafo Victor Jorgesen registrava um beijo de um marinheiro e uma enfermeira. (Figura 1)

O soldado Glenn Edward McDuffie estava na Times Square, junto a centenas de pessoas que comemoravam o fim da guerra e no mesmo lugar, vivendo o mesmo tipo de emoção estava a enfermeira Edith Shain. Os dois não se conheciam, mas foram unidos pela espontaneidade gerada por aquele instante de felicidade, e se beijaram. A cena foi registrada por dois fotógrafos, Victor Jorgensen e Alfred Eisenstaedt da revista Life. Vista por dois ângulos, essa imagem entrou para o elenco das fotografias memoráveis e mais circuladas do mundo como símbolo do fim de anos difíceis, sofridos e de grandes perdas causados pela Segunda Guerra Mundial. McDuffie lutou por muitos anos até ser reconhecido oficialmente como o soldado da foto, a própria enfermeira não sabia ao certo quem era o soldado que a beijara naquele dia. O ato de beijar apenas compartilhava a alegria de estar presenciando um recomeço, a chegada de um novo tempo¹.

¹ Ver: Disponível em: <http://elaseleinsensatos.blogspot.com/2010/12/o-beijo-da-times-square-14.html>, acessado em 20/05/2011.



Figura 1: Foto de Victor Jorgesen, 1945.

Fonte: www.diacombefotos.files.wordpress.com/2010/04/101.jpg

Sabe-se que a imagem não explica tudo, pois representa um fragmento do acontecido, um indício de uma realidade já ausente, porque finda. Na década de 40, beijar em público e sair para as ruas com uniforme de trabalho não era comum. Dessa forma, torna-se perceptível que aquele dia foi excepcional, dia de comemoração. As vestimentas das pessoas e o espaço urbano fotografados evidenciam uma época, meados do século XX, e um lugar, avenida Times Square, passível de reconhecimento para quem conheceu ou conhece uma das avenidas mais famosas de Nova York.

É importante ressaltar que a grande circulação do registro fotográfico dessa cena na internet, principalmente em 'blogs', faz uma confusão no momento de colocar a autoria da fotografia, usam a imagem de um fotógrafo com o nome do outro. Isso foi perceptível, no momento da pesquisa nesses canais de comunicação. A diferença entre as duas

fotografias deve-se a escolha do ângulo que cada um captou no momento do clique. Porém, visivelmente diferentes, ambas tornaram-se conhecidas. Também encontramos nesses 'blogs' diversas releituras da imagem, como exemplos: a foto colorizada e em versão pop arte.



Figura 2: Foto de Alfred Eisenstaedt, 1945.

Fonte: <http://pimentacomlimao.wordpress.com/2010/02/02/o-beijo-em-times-square/>

Apresentada como um sistema de sentidos e signos, a imagem fotográfica expressa sua intertextualidade ao ser inserida em todas as áreas da vida social e cultural. Sendo que, a forma como interpretamos uma fotografia é resultado das experiências de cada um, pois é olhar que dá significados aos símbolos. Além dessa questão simbólica, há outras questões que cercam a fotografia: a questão técnica e a questão política, todas abordadas por Séren (2003) em seu livro *'Metáforas do Sentir Fotográfico'*. Segundo a autora, estas são interligadas, pois ao alterar a natureza técnica da imagem alteram-se os efeitos políticos e simbólicos.

Diante dos desafios da experiência contemporânea, o fotógrafo ampliou o âmbito de sua prática com o progressivo deslocamento da imagem de ancoragem geográfica ou topográfica para a virtualização. Assim como as potencialidades da tendência de abstração e flexibilização dos signos em diferentes domínios da experiência. Como diz Fatorelli, 'a lógica do dispositivo fotográfico fundamenta-se nas características temporais e espaciais que marcam a experiência moderna' (2003, p. 43). A partir daí, vigoram novos regimes de comunicação, de produção e de subjetividade, através das estratégias contemporâneas de apropriação, de encenação e de intervenção da imagem. Um dos fatores que propiciou a grande circulação da imagem "O Beijo na Times Square" pelo mundo deve-se aos novos meios de comunicação social disponíveis do meados do século XX para o tempo presente.

A incorporação dos modelos de visualização virtual, informáticos ou cibernéticos, promoveu a mudança do suporte fotossensível para os dispositivos digitais. A imagem fotográfica fotossensível proporciona um manuseio que permite o toque no papel, que a transforma em signo próprio: guardá-la em um livro ou carteira, vê-la quando menos se espera, são práticas habituais que este suporte oferece. Como aponta Séren (2003), a evolução do contexto sócio-cultural afeta o processo evolutivo do uso da fotografia, nos efeitos psicológicos, sociais e políticos, pois os significados da fotografia mudam sempre que o contexto muda.

Embora, seja fato toda essa evolução no contexto sócio-cultural que provocou mudanças nos usos e significados da fotografia. Mesmo assim, para Didi-Huberman, as imagens se impõem como uma representação por excelência, uma representação necessária do acontecido. Nenhuma imagem consegue dar a dimensão do que realmente ocorreu, já que tudo o que conseguimos ver em uma fotografia é muito

pouco frente a tudo o que sabemos sobre o acontecimento. Segundo o autor a imagem fotográfica produziu uma inflexão histórica no ato de ver, pois a fotografia mostra mais do que o olho pode ver, além de ser prova do visto. Assim, a imagem é o olho da história por sua vocação de fazer visível (2004). E é dessa forma que a fotografia em questão perdura e circula até os dias atuais, pela capacidade de tornar visível uma realidade ausente, o final da Segunda Guerra Mundial para os norte-americanos. Apesar da grande parte das pessoas não terem vivenciado o fato, essa fotografia é imprescindível à imaginação, para fazer lembrar.

Nesse sentido, temos o exemplo dos fotogramas do Holocausto que nos conduzem em um processo de memória, de interpretação histórica, mais amplos do que esses fragmentos visuais nos podem contar. Pois, é necessário ressaltar que são os únicos testemunhos disponíveis, e por mais que os historiadores admitam algum problema pela completude das imagens, elas são apenas fragmentos arrancados, são testemunhos subjetivos por natureza e estão condenados à inexatidão. Pede-se toda a verdade à imagem, mas o que se vê é muito pouco; ou se pede muito pouco, tendo-a como simulacro. Em qualquer desses casos o historiador terá a sensação de que as imagens não explicarão o que ocorreu (Didi-Huberman, 2004).

No caso da fotografia em questão, temos uma imagem de um momento casual e um pouco precária enquanto registro (em que não se enxerga o rosto da moça, em que o enquadramento não é ideal, pois corta as pernas do casal, a posição do soldado é desajeitada e o corpo da moça retorcido), mas que, evidencia a competência testemunhal da fotografia. Segundo Boris Kossoy, não se pode deixar de considerar:

as surpresas que advêm da paralisação fotográfica da ação, do gesto e que não podem ser previstas nem controladas precisamente; mas que podem, no entanto, ser exploradas criativamente, abrindo espaço para novas manipulações estéticas/ideológicas (Kossoy, 1999, p. 34).

Dessa forma, devemos compreender o estatuto de acontecimento visual dessa imagem, sem esquecer a condição histórico-temporal em que foi feita. Assim, esta imagem é o “olho da história” por sua vocação de fazer visível, porque tanto quem fotografou como os que foram

fotografados estavam lá, e estão no registro do ocorrido, para além daquele tempo, para distante daquele lugar.

Logo, a visualização da fotografia “O Beijo” pode nos fazer recordar de um episódio que a maioria das pessoas não vivenciou, mas nem por isso, a imagem e sua representação estão dissociadas em nós. Com a grande circulação e reprodutibilidade alcançada por este fragmento visual o seu sentido simbólico foi realçado, ao ponto de olharmos a fotografia e recordarmos do final da II Guerra para os Estados Unidos, ou ao menos, reconhecermos esse momento na imagem. O assunto que o autor registra, o beijo entre a enfermeira e o soldado; a tecnologia que viabiliza tecnicamente o registro; e o fotógrafo, motivado por razões, a princípio, de ordem profissional (ele foi contratado para a Aviação Naval fotográfica norte-americana em 1942), a idealiza e elabora através de um complexo processo cultural/estético/técnico que configura a expressão fotográfica. O espaço, a avenida Times Square, em Nova York, e o tempo, 14 de agosto de 1945, são as coordenadas de situação desta ação, o que subtendem um contexto histórico específico, ou seja, a fotografia é um micro-aspecto desse contexto.

Todo o processo de criação do fotógrafo torna a imagem fotográfica em um documento. Pois, nela encontram-se incorporados os componentes de ordem material, os recursos técnicos utilizados (tecnologia – câmera fotográfica analógica, filme, negativo, processamento físico-químico) indispensáveis para a materialização da fotografia e, os de ordem imaterial (os filtros ideológicos e culturais do fotógrafo, experiência profissional). Ao longo do complexo processo de criação os componentes mentais e culturais se sobrepõem nas ações do fotógrafo. Pois, além do processo de criação, a construção do fotógrafo resulta na imagem fotográfica que representa a partir do real e passa também a ser um documento do real.

Portanto, a trajetória histórica-temporal da referida imagem fotográfica apresenta um papel fundamental em assegurar o sentimento de continuidade social, como também o senso histórico e quiçá, o senso de identidade norte-americana. Exercendo assim a função de um dispositivo de memória, um dispositivo para evitar o esquecimento. Além disso, a imagem demonstra o nosso desejo de memória, o desejo de que aquele momento não seja esquecido.

A memória operacionaliza o reconhecimento das imagens. E a

fotografia como um fragmento, uma percepção de uma realidade, torna-se um suporte da memória. “A memória, fragmento então, se faz visível com a fotografia, esse recorte, enquadramento” (Domenech, 2003, p. 28, tradução minha). É só a memória, com a ajuda de suportes, que consegue contar uma história, um passado. O reconhecimento pressupõe memória. Para reconhecer é necessário ter conhecido antes. Dessa forma, a fotografia se torna um instrumento valioso da memória. E, por isso, deve ser questionada para obter todas as informações que ela possa disponibilizar. Pois, os vestígios enigmáticos que a fotografia comporta deve desafiar o investigador.

Uma simples imagem: inadequada porém necessária, inexata porém verdadeira. Verdadeira por uma verdade paradoxal, supostamente. Eu diria que a imagem é aqui *o olho da história* por sua forte vocação de tornar visível. Mas também que está *no olho da história*: em uma zona muito local, em um momento de suspense visual, como se diz do olho de um furacão [...] (Didi-Huberman, 2004, p. 67, tradução minha).

Uma imagem de um beijo que nos propicia olhar a história. Esta fotografia fornece informações sobre um determinado momento da história mundial, mas não esqueçamos que esta é apenas um fragmento dessa realidade. Ou seja, não podemos considerar que todas as pessoas que estavam vivenciando aquele momento do final de uma Guerra Mundial compartilhavam do mesmo sentimento dos norte-americanos representado pela fotografia.

Por fim, mais que uma festa, o fim da Guerra recebeu, nesta foto, uma tradução mais íntima (ainda que o beijo tenha sido público), e ousada (incomum beijar-se, em 1945, na rua). Em toda euforia que se produziu naquele momento, traduz também a comunhão: o beijo como comunhão, ainda mais se tratando de dois estranhos que não voltariam a se encontrar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BERGSON, Henri. *Matéria e Memória*. São Paulo: Martins Fontes, s/d. p. 109-146.

CANDAU, Joel. *Antropologia de la memória*. Buenos Aires: Nueva Vision, 2002.

CANDAU, Joel. *Memória e Identidad*. Buenos Aires: Del Sol, 2001.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Leyendas de La fotografia. IN:- *La invención de La Histeria: Charcot y la iconografía fotográfica de la Salpêtrière*. Madrid: Ensayos Arte Cátedra, 2007. p 45-91.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Imágenes pese a todo: Memoria visual do Holocausto*. Barcelona: Paidós. 2004. p. 55-79.

DOMENECH, Ernesto E. *Crimen y Fotografía*. Buenos Aires: La Azotea Editorial Fotográfica, 2003.

FATORELLI, Antonio. *Fotografia e Viagem: entre a natureza e o artifício*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: FAPERJ, 2003. P.5-68.

FERREIRA, Maria Letícia M. Políticas da Memória, Políticas de Esquecimento. Revista Aurora, 10, 2011. Disponível em < www.pucsp.br/revistaaurora >, acessado em 10/06/2011.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Rio de Janeiro, Vértice, 1990.

IZQUIERDO, Ivan. Memórias. *Estudos Avançados*. Vol. 3. Nº 6. São Paulo. May/Aug. 1989 – ISSN 0103-4014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40141989000200006&script=sci_arttext, acessado em 25/03/2011.

KOSSOY, Boris. *Realidades e Ficções na Trama Fotográfica*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.

RICOEUR, Paul. *Memória, História e Esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

ROSÁRIO, Cláudia Cerqueira do. O Lugar Mítico da Memória. *Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas* - Ano 01, número 01, 2002 - ISSN 1676-2924. Disponível em:

<http://www.unirio.br/morpheusonline/numero01-2000/cludiarosario.htm>, acessado em 12/11/2010

SEREN, Maria do Carmo. *Metáforas do Sentir Fotográfico*. 2003. p.19-52

Endereços eletrônicos:

<http://dlacombefoto.wordpress.com/2010/04/12/o-beijo-na-time-square/> acessado em 19/03/2011.

http://elaseleinsensatos.blogspot.com/2010/12/o-beijo-da-times-square_14.html acessado em 19/03/2011

<http://www.mdig.com.br/index.php?itemid=16698> acessado em 19/03/2011.

http://guiadeloas.com/fotografia/historia_fotos_historicas.html acessado em 19/03/2011.

<http://www.acidezmental.xpg.com.br/fotografiasquemudaramomundo.html> acessado em 20/03/2011.

<http://www.redetv.com.br/entretenimento/galerias.aspx?1,117,1984,dia-da-fotografia-veja-algumas-das-grandes-fotos-do-seculo-xx> acessado em 20/03/2011.

<http://pimentacomlimao.wordpress.com/2010/02/02/o-beijo-em-times-square/> acessado em 20/03/2011.